

Nota Rápida Sobre a Existência da Alma

Pedro Machado

1) Curta Introdução:

O seguinte ensaio é uma forma sucinta de demonstrar a existência do metafísico como um todo. Como narrarei ao final, é um método que deu alguns bons frutos, e espero que estes bons resultados se repitam na vida de cada um que dele vierem a tomar parte, especialmente ateus e agnósticos de boa vontade.

Peço, contudo - como estou fisicamente ausente para descrever pormenorizadamente e em pessoa estas coisas - que meditem detida e pacientemente sobre os pontos que estou prestes a levantar, especialmente no caso de soarem alienígenas. Mais: esta nota foi montada num esquema piramidal. Sim, piramidal. Conforme nos afastamos da base (que é a experiência sensorial pura e imediata, quiçá a parte mais importante do ensaio) alcançamos um pico cada vez mais e mais elevado, espiritualizado e abstrato, baseado em outro tipo de conhecimento.

Leia este ensaio com calma mas numa tacada, sem se deixar paralisar nos pontos de primeira intransponíveis. Depois, feita a primeira leitura, tente compreender muito bem os primeiros tópicos (aí sim relendo quantas vezes forem necessárias) para, então, buscar a conquista dos últimos passos.

Por fim, ao cansar-se de ler este humilde textinho, pense sobre ele durante seus afazeres, especialmente os banais. Esta contemplação talvez seja a chave para a compreensão dos mistérios que estou prestes a propor.

Ademais, o texto que tens em mãos se trata antes de uma tentativa de engendrar uma auto-percepção como que mística do que constituir um conhecimento teológico. O encadeamento das palavras são alavancas de torque não necessariamente para que se entenda, mas antes para que se veja a realidade aqui enunciada, para que a alma tome conhecimento da própria alma.

2) “A Base”: de que as sensações corporais são metafísicas:

As dores e sensações corpóreas, apesar de serem incitadas por fenômenos físicos, são imateriais por si mesmas. A experiência é

incorpórea, imaterial, e não pode ser confundida jamais com a sua causa, que é corpórea, material¹. Portanto, quando eu dou um beliscão no meu braço, os nervos dele *causam dor*. Mas a *dor mesma*, isto é, em si mesma considerada, não é física. Ela começa, inicia-se, engendra-se numa realidade física (quem negaria que meu braço não é matéria?)... E conecta-se, destila-se, afeta uma realidade indubitavelmente metafísica. Pois a experiência não é matéria.

Sejamos grosseiros: onde posso pegar essa tal de dor? Posso medí-la, pesá-la, quantificá-la, como o faria com qualquer outro ente material? Você pode apontar a causa da dor, que é o braço que sofreu o beliscão, ou, em uma causa mais próxima ainda, poderia apontar o sistema nervoso que percebeu dado estímulo (o beliscão) e emitiu dada reação (a dor). Mas em nenhuma parte da realidade física você pode encontrar *a dor em si*, ou qualquer outra sensação que seja, pois isto é a *experiência pura*, que é intangível.

A dor, assim como as demais sensações que sentimos através dos nossos corpos, não pode ser tratada como uma realidade física, mas apenas como realidade metafísica, tendo em vista a sua incompatibilidade com tudo o que se conhece como “realidade material”.

Pegue a dor. Tu! Vamos, tente fazê-lo! O mais longe que chegarás será confusamente apertar o teu braço ou a tua cabeça, mas jamais *a própria dor* sentida, a qual, como já delineei no início deste parágrafo, não é uma realidade física pois não pode ser medida com uma régua ou pesada com uma balança: não tem extensão no espaço apesar de ter duração no tempo - tempo esse que é próprio da alma.²

Dou outro exemplo; pense o seguinte: apesar dos teus *olhos* serem realidade estritamente física, a tua *visão* sobre este papel (ou tela de computador) não é. A experiência de ver as coisas, de percebê-las, não é material; não é feita de átomos, mesmo que átomos a produzem; não é feita de nervos, mesmo que nervos seja sustentada. De igual forma, os ouvidos são distintos do fenômeno de ouvir, a língua do fenômeno de paladar, o nariz ao de cheirar. Enquanto ninguém poderia negar que os primeiros pertencem aos corpos físicos, os últimos certamente não o são.³

¹ Ainda que possamos falar de fenômenos puramente espirituais sem causa no corpo, os quais são exceções e que não entro aqui nessa discussão

² Immanuel Kant faz uma relação entre o exterior com o espacial, e o interior com o temporal.

³ É o caso, ademais, dos próprios pensamentos.

As experiências sensoriais são distintas em natureza dos instrumentos que as criam, e distinguir claramente uma coisa da outra é essencial para a plena compreensão do que vem adiante neste opúsculo.

3) A Existência da Alma Pelo Entendimento da Dor:

Ora, se a dor é uma experiência imaterial e incorpórea (assim como todas as outras sensações o são), para que eu possa experimentá-la não só é necessário ter um corpo a que engendre, mas também um receptáculo de igual característica que as recepcione; isto é, um receptáculo também imaterial, metafísico.

Se a dor é metafísica, para senti-la, é necessário que também eu tenha algo de metafísico. Pois como eu iria sentir algo de não-físico se eu mesmo não fosse algo de não-físico também?

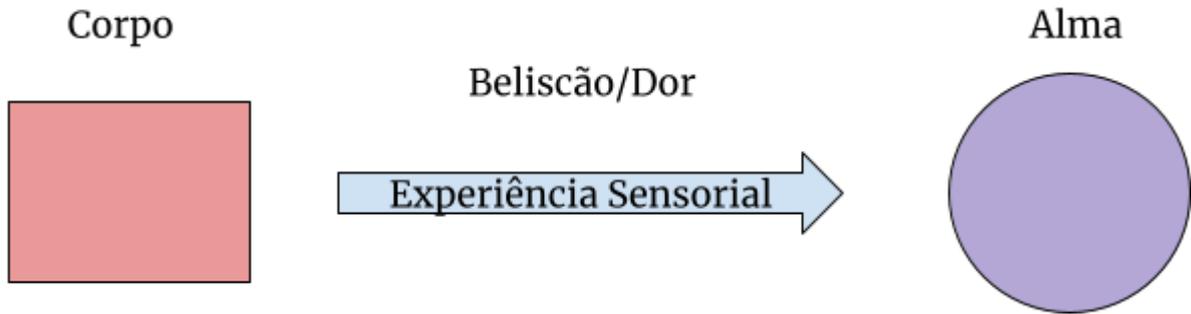
Do contrário, absolutamente não a sentiria, da mesma forma que um robô que, sendo somente realidade física, é absolutamente incapaz de *sentir*, de *experimentar*, tal como nós, seres humanos, detentores de algo não físico para recepcionar coisas que também não são físicas.

Portanto, se admitimos que a dor e todas as sensações humanas pertencem, em sua natureza, e não em sua causa, a uma realidade imaterial, logo, somos nós não apenas corpo, mas, necessariamente, realidade imaterial também.

E esta realidade imaterial possuída podemos chamar de alma.

Sistematizando:

- A. Dou um beliscão no meu braço (físico)
- B. Este braço causa uma experiência sensorial que, *em si*, não pertence a matéria alguma (metafísico)
- C. Eu possuo o braço que deu o beliscão (físico) e sinto a dor que ele me causa (metafísico)
- D. Logo, possuo não só realidade física, mas realidade metafísica. Do contrário, nada sentiria.



4) A Existência da Alma Pela Origem da Minha Consciência Neste Corpo e Não em Outro:

Faço outra pergunta: por que a minha consciência reside neste corpo, e não em outro? Por que, porventura, as experiências que sinto não são aquelas da barata, que passa na frente dos meus pés, ou da aranha, que fabrica seu ninho sobre minha cabeça, ou, mesmo, não são as do meu colega de trabalho, que passa na minha frente e que vejo com os meus olhos todos os dias?

Todas essas criaturas tem o perfeito aparato físico-material para que experimentem sensações, mas... Eu não as experimento. E por que não? Por que calhou de que minha consciência nascesse nesse envelope corpóreo e não outro, mesmo não havendo razão física que assim deveria ser? Se todos os corpos humanos são formalmente iguais, porque calhou de que eu sentisse as sensações deste corpo em especial e não de outro, igualmente válido?

Analisando de forma mais detida, ocorre o seguinte: desde o momento os corpos causadores de estímulos estão como que atrelados, por algo invisível, a apenas transmitir suas sensações a um certo destinatário, a uma certa consciência claramente separada das demais existentes no universo. Mas esta separação não é feita por nada que exista na matéria, porquanto todos os corpos sadios e funcionais, desde o corpo da barata e da aranha até o corpo do meu colega de trabalho, poderiam muito bem ter recepcionado a minha consciência, em vez de outra.

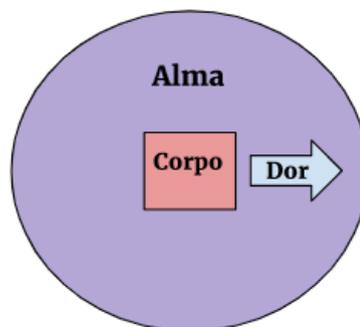
A conclusão é de que não há critério físico que determine o porque de minha consciência nascer neste corpo e não em outro, podendo, muito bem, estar ligado a qualquer outro que não a esse. Não existindo, pois, justificativa na matéria para este estado de coisa, ela está fora dela. E estando fora dela, o critério não é físico, mas metafísico.

O que determinou que eu experimentasse as sensações deste corpo e de nenhum outro, desde a criação, foi a minha alma.⁴

Sistematizando:

- A. Percebo que tenho um corpo (físico) e uma alma (metafísica).
- B. Contudo, me indago: porque minha consciência germinou neste corpo e não em outro?
- C. Percebo que minha consciência poderia estar atrelada a qualquer dos infintos corpos sadios e conscientes do universo, especificamente os humanos, os quais são formalmente idênticos em sua estrutura ao meu, podendo, muito bem, ter recepcionado a minha consciência em vez de outra.
- D. Tendo em vista que os corpos são concretamente indiferentes entre si para recepcionar a minha consciência (desde a barata até o homem), podendo em teoria estar tanto em um quanto em outro, a justificativa para o estado presente de coisas não está no plano físico.
- E. Não estando na física, ela está, necessariamente, na metafísica, isto é, fora do corpo.
- F. Este critério é a natureza da alma.

Meu corpo



⁴ A teologia cristã resolve esta questão da seguinte forma: é impossível que a minha alma pudesse surgir no corpo de um porco, pois o ser humano é composto da união natural do corpo com a alma; i. e., o homem só pode ser considerado homem caso seja criado tanto com o corpo quanto com a alma; se falta um, deixa de ser homem (ex., se nascesse apenas com alma ou apenas com corpo). Logo, Deus, ao criar Suas imagens e semelhanças, o faz sempre no dualismo alma-corpo, não faltando nem alma para corpo e nem corpo para alma. Ademais, Deus, sendo incapaz de agir imperfeitamente, não poderia realizar a imperfeição de criar uma criatura pela metade, incompleta. Portanto, podemos nos tranquilizar: Ele, ao pensar em criação desde toda a eternidade, designou-nos num só tempo tanto alma, quanto corpo para sermos. Nunca houve a possibilidade de termos nascido porcos, minhocas, ou o que quer que seja.

5) A Existência da Alma Pela Separação Entre as Experiências:

A separação da experiência entre os corpos só pode ser feita através de uma divisão metafísica, pois não há nada de físico que a possa justificar.

Vimos no último tópico que não há razão física para que minha consciência tenha nascido atrelada a este corpo e não a qualquer outro. Agora, veremos que também não há razão física para que a minha consciência imaterial não possa sentir as experiências de outros corpos neste presente instante. Não havendo razão material para que minha consciência não tenha germinado no envelope de átomos duma barata, ou duma aranha, ou do meu colega de trabalho, também não há razão material para que, ao pisar naqueles dois e ao beliscar este, eu não sinta suas dores tal como eles o sentem.

Uma pergunta bem elude o que quero dizer: dou um beliscão no meu braço e eu sinto a dor. Perfeito. Mas... Por qual razão, quando dou um beliscão no *teu* braço, ou no braço de outra pessoa, eu não sinto a dor emitida pelo corpo deles? Cada ser humano possui um aparato físico capaz de engendrar experiências sensoriais, as quais, por sua vez, são plenamente capazes de serem percebidas por uma consciência.

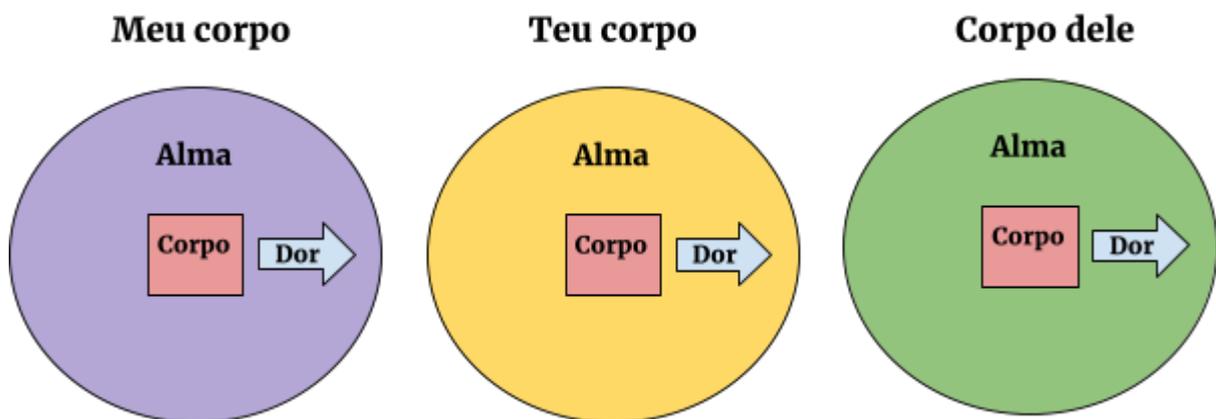
E este é o ponto, o qual é bem difícil de entender mas não tanto de ver com os olhos da alma: não há diferença alguma, na prática, entre o meu corpo e o teu. Por alguma razão invisível, eu apenas sinto as experiências deste corpo, e tu apenas sentes as experiências do teu, e ele (um terceiro) apenas as experiências do seu. O meu corpo, o teu corpo e o corpo dele emitem experiências sensíveis, mas elas são enviadas para receptáculos de consciência bem específicos: eu, tu e ele. Mas porque não há um “escape”, uma “fuga” da experiência do corpo “A” que acabe por atingir a consciência alheia B? A dor do meu corpo poderia se ordenar, por um breve momento, a fim de alcançar a tua consciência - como poderia ter sido o caso desde que meu corpo nasceu, como vimos no tópico 4. Mas não é assim que ocorre.

Não é assim que ocorre pois, possuindo cada indivíduo uma única alma (isto é, uma única realidade metafísica capaz de tomar parte naquilo que não é físico), ocorre que esta realidade metafísica está atrelada a apenas um corpo, e o corpo a esta alma, de tal forma que a alma apenas percebe as experiências de um só invólucro material e nenhum outro, da mesma forma que o aparato material que engendra as experiências está por natureza regido a apenas transmite suas sensações a uma única consciência.

Há, portanto, um invólucro invisível e metafísico ligado a este meu corpo, que me permite experimentar as experiências deste corpo e de nenhum outro. Da mesma forma, o meu corpo está ligado a minha alma de tal forma que as sensações que engendra apenas se ordenam a uma determinada consciência, não a tua ou de outro. E isto não se dá por razão física, na matéria. Se dá, portanto, por natureza metafísica.

Sistematizando:

- A. Eu belisco o meu braço (físico) e sinto dor (metafísico)
- B. Eu belisco o teu braço (físico) e tu apenas sentes dor (metafísico)
- C. Eu não senti a dor do teu braço. Tu, somente, sentiste a dor do teu braço.
- D. Nossos corpos, contudo, são constituídos das mesmas estruturas sensoriais, não havendo diferença entre ambos.
- E. Por alguma razão, mesmo teoricamente capaz de fazer o oposto, os corpos apenas emanam experiências para uma só consciência específica, e não outra, de maneira que não se altera o seu destino final jamais.
- F. Não estando na matéria a razão deste fenômeno, está fora dela. Estando fora dela, por necessidade, devemos dizer que a sua natureza é metafísica.



6) A Existência da Alma Pela Abstração do Que Poderia Ser e Não É:

Se pensarmos seriamente sobre isto, veremos que toda a ordem de coisas que é *poderia não ter sido*. Descobrimos, de passo em passo, que o

critério determinante para que as coisas sejam do jeito que são não é perceptível pelos olhos do corpo, pois não encontra-se na matéria; não baseia-se em nenhuma equação, silogismo lógico ou qualquer produto da razão; simplesmente é assim, em razão de uma ordem de coisa que não podemos plenamente compreender, mas vislumbrar.

Podemos imaginar, por exemplo, o caso de um corpo cujas experiências não atingem qualquer realidade metafísica, qualquer consciência, e que, mesmo com a matéria produzindo os estímulos necessários para o sentimento de dor, por ninguém são percebidos. Se os animais não possuíssem alma (o que não é o caso)⁵ mesmo que seus corpos sofressem todo o tipo de tormento material, espiritualmente falando nenhum espírito os receberia; não recebendo, nada sentiria dor alguma.

Poderíamos também imaginar, em contrapartida, uma consciência que não detém corpo para estimulá-la, não sofrendo qualquer tipo de influência do mundo material. Neste caso, seria uma entidade de pura alma ou puro espírito, cuja dinâmica se dá apenas dentro de uma ordem de coisas superior, espiritual, não sensível, mas insensível ao plano material por natureza. Seria o caso, por exemplo, dos anjos, os quais perceberiam a realidade apenas através dos aparatos da alma, e não os do corpo.

Que um corpo sempre se conecte a uma alma e vice-versa provém de um critério que não o corpóreo, pois na matéria não se encontrará razão alguma para este fenômeno. Se levássemos em conta apenas a matéria, poderíamos imaginar coisa diferente. É, logo, proveniente de um critério metafísico a nossa realidade tal como ela se apresenta.

Em outro caso, poderíamos pensar numa consciência que abarcasse não apenas um corpo, mas dois; ou, melhor, um corpo e meio. Seria o bizarro caso de ser eu capaz de movimentar e controlar livremente o meu corpo, mas também o de mexer como quisesse a mão direita do meu vizinho - e apenas a sua mão direita. Não é um caso tão difícil de ser imaginado, porquanto seria apenas como ganhar um membro extra: com a mesma facilidade que possuiria de mexer minhas próprias mãos, teria também a de fazer o mesmo com a de um terceiro.

Numa última especulação, não seria difícil imaginar, ademais, a possibilidade de uma consciência que não apenas contivesse “um corpo e meio”, como na última proposição, mas de uma que abarcasse vários corpos por inteiro. Seria o caso, na ficção científica, de uma mente colmeia, em que

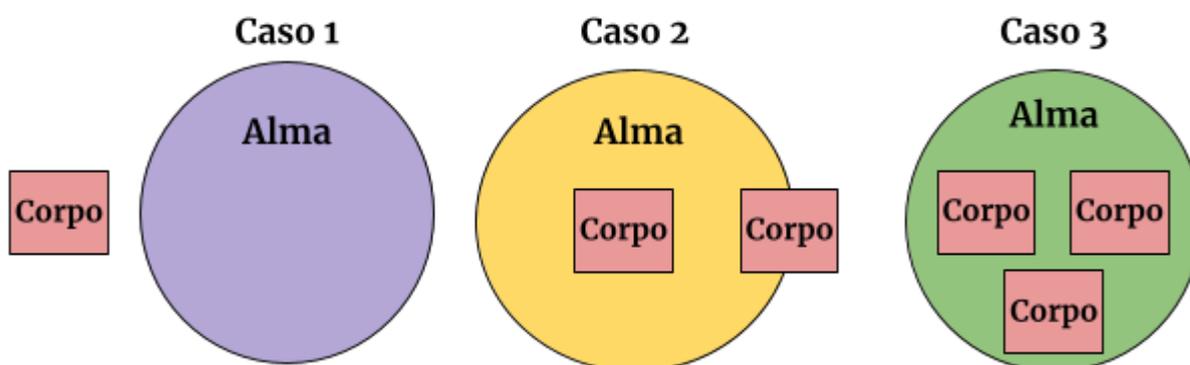
⁵ As criaturas (que não o homem) podem deter alma vegetativa (plantas) ou alma animal (cães, bois, peixes, etc.). São tipos de sensibilidade e consciência diferentes, que muito se diferem da Alma (com letra maiúscula) humana, imagem e semelhança de Deus, imortal e espiritual em suas formas de conhecer o mundo circundante.

muitos são os corpos mas uma é a alma. Com alguma diligência, também poderíamos imaginar situação semelhante, tendo em vista que os múltiplos corpos seriam controlados com a mesma facilidade com que detemos no nosso presente corpo.

Que uma alma abarque apenas um corpo e não vários, isso também não é critério físico, mas metafísico; porquanto, não residindo a consciência na matéria mas sim abarcando-a, não é também na matéria que está a razão pela qual as coisas sejam do jeito que são e não de outra forma.

Sistematizando:

- A. Podemos imaginar muitas formas diferentes que a relação entre a alma e corpo poderia se dar; contudo, nenhuma delas ocorre, de fato.
- B. A razão pela qual as coisas são do jeito que são não pertence a um critério físico, pois escapa à matéria.
- C. A razão pela qual as coisas da consciência são do jeito que são pertence, pois, por necessidade, a uma realidade metafísica



7) Histórias Interessantes:

Quando tive luzes suficientes para enxergar esta realidade, apresentei-a a dois amigos agnósticos com tendências ateias ou, no mínimo, que acreditavam não ser possível provar racionalmente a existência de Deus ou da alma. Um, não se moveu pelos meus pontos, e ainda sentindo uma ligeira raiva da minha estultícia; deixou, por fim, estas indagações caírem no esquecimento. O outro, em posição similar ao primeiro, também não se convenceu pela minha argumentação, sentindo faltar alguma coisa, algo de inexprimível...: faltava-lhe luz. Por fim, mesmo sem entender, meditou e ruminou, por meses a fio, o que havia lhe dito em nossa conversa.

O tempo passou. Os argumentos, aos poucos, lhe foram impregnando na medula e dia a dia passava a ver a realidade pela outra ordem de coisas que lhe apresentava. Entendia, agora, o que eu queria dizer quando lhe disse com firmeza de que a causa da dor (o corpo) é diferente da própria dor (a sensação incorpórea), da mesma forma que os olhos (material) são diferentes da experiência da visão (imaterial)...

Visitou um amigo: também agnóstico e também de boa vontade. Quando os dois estavam conversando em seu quarto, começaram a fazer uma “pequena filosofia” e, logo, aquele com quem conversei tempos antes estava argumentando para o visitado as razões pelas quais a alma poderia existir. “Por que”, disse o primeiro, “eu sinto a dor se ela não existe em lugar algum? A dor não existe no espaço, mas eu a sinto!”, e seguia...

“Por que eu não sinto as dores que você sente quando te dou um beliscão? Porque você não consegue sentir o que eu sinto, e ver o que eu vejo? O que nos separa...?” e seguia...

Seu amigo, o qual vim a conhecer depois e até mesmo a fazer a travessia de três dias Petrópolis-Teresópolis na Serra dos Órgãos, ouvia tudo com atenção, deitado em sua cama, com a cabeça no travesseiro - lembrava um paciente ouvindo o laico sermão de seu psiquiatra.

Subitamente, veio o clarão: arregalou os olhos. Imediatamente (como me foi descrito) saltou para fora da cama, como que trêmulo, e apenas disse: “Meus Deus: a alma existe...!”

8) Conclusão:

Por que contei essa história? Porque constatei que a via que apresento para o descobrimento da realidade espiritual engendra três efeitos possíveis: ou não se entenderá nada, e ignorar-se-á solenemente a minha argumentação, como fosse produto pueril de uma mente débil; ou se entenderá muito, muito lentamente, após um refletir constante e dotado de uma boa vontade rara para os nossos dias, parindo finalmente uma criança em formato de compreensão espiritual da realidade (não a toa que sugeri a contemplação em meio ao banal, logo no início, para compreensão do texto); ou, em poucos minutos, como numa virar de chaves do espírito, a argumentação se entende por completo e, mesmo não sabendo como repetir o processo que se levou para entender aquilo que agora vê à luz do meio-dia, consente com a cabeça (ou, no caso deste meu outro amigo, salta-se da cama) e se diz ver tudo agora.

Se você se encontra no primeiro caso, ouça com atenção: ao meu ver, a solução é um pouco de leveza e uma boa dose de imaginação. Tome estas

minhas pobres palavras como um convite para fugir da ordem ordinária das coisas, para escapar, mesmo que brevemente, do puro materialismo cientificista, para tratar esta realidade que estamos falando aqui com a mesma imersão, quem sabe, com que você trataria um ficção científica ou qualquer fantasia mirabolante que te fascine a fantasia. “Quão ditoso não seria se, digamos, a alma existisse e pudéssemos colocá-la ao nosso serviço como bem acontece com um Doutor Estranho?” Tentar entrar na lógica apresentada com o coração leve é fundamental para superar a barreira outrora intransponível.

Um processo semelhante levou um inflexível ateu a tornar-se o apologeta cristão C.S. Lewis. Como? Explico: ele apenas tratou com a mesma brandura as páginas da Boa Nova de Cristo como o fazia com as antigas mitologias ocidentais. Embebia-se copiosamente com a imensa sabedoria dessas enquanto, descompassadamente naquela, seus lábios secavam de sede, não encontrando o que dali beber. Seus olhos apenas viram a luz que estava na Bíblia empoeirada de sua estante quando quando permitiu-se tratá-las com a mesma docilidade que seus outros volumes, certamente com menos pó e teias: Eneida, Odisseia, Beowulf e a Morte do Rei Arthur. Deste sopro de boa vontade, permitiu-se tocar e foi tocado; tocado, encontrou a sabedoria; e na sabedoria, encontrou a Deus.

Eu tom de conclusão, digo que não tenho muito a oferecer. Apenas um punhado de palavras e algumas boas razões. Lembro-me daquele jovem grego, o qual, enfrentando as “complexas e intelectuais” lógicas do douto Zenão, que negava a existência do movimento e a possibilidade de se chegar a lugar algum (iludido que era pela própria razão), deu aquele uns cinco passos para frente e exclamou: “Vês?! Eu andei! Eu cheguei aqui! O que falta te dizer?!”. Pois bem. O que ofereço não é uma refutação silogística e intrincada ao igualmente muito “complexo e intelectual” materialismo filosófico, mas antes um “Vês! A alma existe! Olha para ela bem aqui!”. Espero que o mesmo venha a ocorrer contigo. Mais do que espero, desejo que nós dois, juntos, possamos ter a triste alegria de não entendermos porque nem todos vêem o que se dá à luz do dia ...mesmo que outrora também não víssemos. E, em meio a solitária incompreensão daquele que não sabe dar o que tem, lamentar-nos-emos: “O que falta dizer...?”